

# O NÃO TRABALHO E A VIOLÊNCIA CONTRA VELHOS: UM SINAL DE ALERTA QUE ECOA!

Verônica Bohm<sup>1</sup>

Johannes Doll<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Psicóloga, Doutora em Educação, Docente Universitária (Universidade de Caxias do Sul) - [vbohm@ucs.br](mailto:vbohm@ucs.br)

<sup>2</sup>Pedagogo, Doutor em Educação, Docente Universitária (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) - [johannes.doll@ufrgs.br](mailto:johannes.doll@ufrgs.br)

**JUSTIFICATIVA:** Nas últimas décadas, o envelhecimento da população mundial tem sido objeto de atenção de muitos estudiosos, o que não é diferente no Brasil. Os velhos em 2010 representavam cerca de 11%<sup>1</sup> da população, o que, por si só, já justifica a realização de investigações sobre como as pessoas estão envelhecendo no país e seus possíveis impactos. Ciente da necessidade de aprofundar os estudos no campo do envelhecer, este trabalho é um desdobramento da pesquisa realizada para a elaboração da tese de doutorado<sup>2</sup> em Educação. Para a tese, foram ouvidas 8 familiares agressores de idosos na tentativa de compreender melhor a violência contra velhos, a partir da perspectiva das pessoas identificadas como agressoras, as quais foram obtidas através de narrativas proferidas por cada um. Durante a fase de campo daquele estudo, as histórias trazidas pelos entrevistados iam ampliando o entorno da situação da violência, explicitando a complexidade que a circunscreve. Vários foram os fatores identificados como preditivos para possíveis situações de violência contra velhos, como por exemplo, a drogadição de filhos e/ou netos, alcoolismo, a viuvez, forma como as pessoas significaram suas relações com os pais no passado, entre outros. Considerando o emaranhado de fatores que pode contribuir para a violência contra as pessoas idosas, neste trabalho, aprofundaremos um tópico que surpreendeu: o desemprego. Dados referentes ao CENSO Demográfico de 2010<sup>1</sup> mostram que a taxa média de desemprego no Brasil ficou em 11,5%, o que exige um olhar atento para o impacto que extrapola o nível econômico na sociedade. Conforme Bernal<sup>3</sup>, o trabalho ocupa um lugar central na vida das pessoas. Além de ser fonte de identidade e *status social*, também serve para estruturar o tempo, impactar na autoestima, enriquecer o convívio social, possibilitar novas aprendizagens, além de fornecer recursos financeiros para prover a vida em uma sociedade capitalista. Também estão presentes em textos como os de Dejours e Abdoucheli<sup>4</sup>, Merlo,

Bottega e Perez<sup>5</sup>, as complicações na saúde das pessoas pela falta de trabalho em sociedades que o colocam no centro da vida. Todavia, o afastamento do labor formal em decorrência de complicações de saúde também tem a potência de impactar na subjetividade das pessoas, alterando a forma como se percebem e se colocam frente aos demais. Butierres e Mendes<sup>6</sup> apontam para as dificuldades enfrentadas por trabalhadores afastados por doenças, uma vez que encontram-se impossibilitados de exercer qualquer atividade remunerada por serem considerados não aptos ao trabalho. Esta é uma condição específica, na qual o sujeito não está desempregado, mas não pode trabalhar formalmente em função de problemas de saúde, que nem sempre são visíveis, pois, quando da ordem das doenças psíquicas, não há uma cicatriz para comprovar a necessidade do afastamento, o que, por vezes, gera discriminação da pessoa por parte dos que a rodeiam, atribuindo o adoecimento à falta de vontade de trabalhar, ou algo que o valha, podendo ser um agravante do quadro clínico. Não raro, os afastamentos pelo INSS acabam evoluindo para a aposentadoria por invalidez, o que coloca no sujeito um rótulo que pode ser duplamente preconceituoso pela precocidade do afastamento do trabalho: aposentado e inválido. Esta revisão se faz necessária, pois, na família de Roberta, tanto o desemprego quanto a aposentadoria por invalidez estão presentes. Desta forma, este trabalho tem como **principal objetivo** discutir as implicações do trabalho/desemprego na vida de famílias que estão convivendo com a violência contra velhos na sua rotina atual.

**METODOLOGIA:** Para tal, será feito um estudo de caso a partir da narrativa construída por Roberta, a qual parece, durante cada nova fase do seu relato, ir desvelando novas camadas da trama que envolve as relações familiares no momento. Este estudo de caso é oriundo da pesquisa de doutoramento defendido em 2016. Na ocasião, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sendo aprovado pelo parecer número 938.445. Foi realizada uma pesquisa exploratória, onde entrevistas narrativas foram realizadas com os participantes, sendo estas analisadas através da análise de conteúdo proposta por Moraes<sup>7</sup>.

**RESULTADOS/DISCUSSÃO:** Roberta morava em uma cidade da serra gaúcha e estava com 52 anos no momento da entrevista. Já aposentada por invalidez em decorrência de acidente de trabalho, morava com o atual marido (segundo casamento dela) na parte de baixo da casa do pai, o qual morava com dois irmãos dela, dependente químico e outro deficiente mental. Na sua parte da casa, além do casal, havia o filho deles de 11 anos e a enteada dela, grávida aos 19 anos, desempregada e o namorado a abandonou. Seu marido não estava trabalhando por problemas de saúde. Sentia muitas dores, a ponto de gritar de dor, o que a impedia de dormir, fazia uso de bolsa de colostomia, havia suspeita de câncer de próstata, mas a cirurgia estava agendada para 8 meses

e ainda não havia conseguido receber algum benefício financeiro. A apresentação deste cenário é necessária para compreender a violência praticada por Roberta. Importante deixar claro que a compreensão não tem a intenção de justificar, ou julgar, mas buscar saber o que leva alguém a praticar determinado ato. A rede de proteção ao idoso do município foi acionada em função de denúncias de violência financeira praticada por Roberta em relação ao seu pai, feita pelo cunhado. Até alguns meses atrás, quem recebia a aposentadoria do pai era uma irmã de Roberta (esposa deste cunhado que a denunciou). Em função de uma grave doença, esta irmã veio a falecer e Roberta passou a receber para o pai. A aposentadoria deste era mediana, mas suficiente para ele ter uma vida com relativo conforto. Ao entrar na casa do pai, ficou evidente a precariedade das condições da casa onde ele morava com os dois filhos, bem como as condições da roupa por ele utilizadas. Segundo Roberta, se o pai ficasse com o dinheiro, o irmão dependente químico o ameaçava até ele entregar tudo, pois já havia vendido quase tudo que tinham em casa em troca de drogas. Não há dúvidas de que este pai precisava de atenção especial da rede, pois a família não estava conseguindo garantir condições mínimas adequadas à vida daquele homem, mas ele não era o único que precisava de atenção. Comumente analisa-se e julga-se as situações que são apresentadas como se fossem uma fotografia, algo estático que acaba em si mesmo. Contudo, situações de violência não podem ser analisadas desta forma. Metaforicamente, o que se tem não é uma foto, mas um filme que ainda não está concluído. Que histórias esta família viveu no passado? Como Roberta se relacionou com o pai e com os irmãos ao longo dos anos? Como se sente com a morte precoce da irmã? Como se percebe sendo aposentada por invalidez? Como se sente com a vida que tem? Analisar uma situação ampliando o cenário que a constitui é um desafio para todos que se dispõem a trabalhar com violência. Não há dúvidas de que a forma como este velho está sendo tratada é violenta. Constata-se a violência financeira, mas também a negligência, tanto por parte da filha que mantém seu pai morando com o irmão violento, como do Estado que "monitora" a situação sem agir efetivamente, por vezes, por ter como única alternativa em casos mais graves a institucionalização do velho. Mas e quem cuida de Roberta? Roberta não possui histórico de agressões, mas o registro recente da ocorrência desta. Durante sua fala, deixa claro o quão sobrecarregada se sente. Ganhando o piso salarial como aposentadoria, preocupada com a saúde do marido que agrava a cada dia, temendo o irmão dependente químico, preocupada com o irmão deficiente que sai pela rua mexendo nas sucatas que encontra e levando para casa, com uma enteada grávida e um filho pré-adolescente que precisava de alguns materiais escolares, pois o ano letivo começaria nos próximos dias, Roberta deixa claro que acredita que ninguém queria estar no lugar dela neste momento. Ao

desligar o gravador, diz que fazia um mês que não conseguia dormir em função das preocupações e dos gritos de dor do marido. Os desvelamentos deste estudo de caso servem como um sinal de alerta para todos que trabalham com situações semelhantes. A violência constatada é a ponta do *iceberg* que pode revelar, aos profissionais mais atentos e preparados, o emaranhado de fatos e vivências que conduziram a tal desfecho. Neste caso em particular, ganha relevo a falta de assistência efetiva da rede de proteção. Que ações efetivas estão sendo feitas para atender à problemática da drogadição na sociedade? Esta não é uma questão apenas assistencial, mas convoca uma ação mais estratégica das polícias no combate ao tráfico, das comunidades em ter alternativas de lazer/ocupação dos jovens, dos serviços de saúde e das escolas em ações de prevenção. Também é alarmante a constatação de um homem que já possui problemas de saúde, já fragilizado, ter que aguardar oito meses para a realização de uma cirurgia, quando é difundida através da mídia a necessidade de diagnóstico precoce e tratamento imediato para combater casos de neoplasia. Outro aspecto que não pode ser ignorado é o custo elevado das medicações que precisam ser compradas, visto que o Sistema Único de Saúde não oferece todas e, nem sempre, é possível esperar pelo Ministério Público para iniciar o tratamento. Que alternativas são oferecidas na sociedade para as pessoas deficientes que apresentam deficiências mentais? Há política de inclusão no mercado de trabalho, todavia, é sabido do preconceito que existe por parte de muitas organizações em selecionar o tipo de deficiência que contratam, evitando, muitas vezes, a contratação dos deficientes mentais por receio do comportamento dos mesmo. E o estigma social que é lançado às pessoas que não trabalham independente do motivo? **CONCLUSÃO:** Fica evidente que, em famílias com relações já fragilizadas, o não trabalho passa a ser uma condição altamente propícia para a ocorrência da violência contra os velhos. Por condição, entende-se algo que potencializa, favorecendo a ocorrência, embora não seja a causa direta e exclusiva. Estar fora do mercado de trabalho, além das questões ligadas à autoestima, ao convívio social, às aprendizagens por ele oportunizadas, causa um achatamento dos recursos financeiros da família, o que pode ser fonte de distresse, agravando um contexto de relações já comprometido. O distresse, segundo Limongi-França<sup>8</sup>, também é denominado de estresse negativo em função da potência que carrega para se transformar em doença. Com base nestas constatações, evidencia-se o quanto o não estar trabalhando desestrutura a vida da pessoa, afetando quem com ela convive. Esta desestruturação da vida até então organizada em torno do trabalho, estende-se para a desestruturação do ambiente, transformando esta realidade em um pano de fundo ideal para a ocorrência de comportamentos violentos. Ter ciência desta condição de violência permite que sejam pensadas ações preventivas quanto ao não trabalho,

o que, em tempos de crise políticoeconômica, urge. A realização de grupos operativos para fazer frente às possíveis implicações do não trabalho, ações de prevenção a problemas de saúde e gravidez indesejada, capacitação para os trabalhadores da rede de proteção para que consigam perceber a magnitude do problema, como também, a necessidade de um chamamento à rede para que de fato se constitua enquanto tal, pois, por vezes, parece que estão de mãos atadas diante das questões da sociedade atual. Muitos recursos estão disponíveis, há a necessidade de otimizá-los através de articulações dos atores da rede, a fim de que alguns serviços deixem de trabalhar de maneira fragmentada, mas que teçam a teia de suporte para que todos possam envelhecer com dignidade em uma sociedade para todos.

**Palavras-Chave:** Trabalho; Violência; Envelhecimento

### **Referências Bibliográficas**

<sup>1</sup>IBGE. Censo Demográfico 2010[Internet]. 2012 [citado em 16 jul.2017]. Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/>

<sup>2</sup>Bohm V. Violência contra pessoas idosas: narrativas de agressores [tese]. Porto Alegre (RS): Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2016.

<sup>3</sup>Bernal O. Psicologia do Trabalho em um Mundo Globalizado: como enfrentar o assédio psicológico e o estresse no trabalho. Porto Alegre: Artmed; 2010.

<sup>4</sup>Dejours C, Abdoucheli E. Itinerário Teórico em Psicopatologia do Trabalho. In:Dejours C, Abdoucheli E, Jayet C. São Paulo: Atlas; 2009. p. 119-145.

<sup>5</sup>Merlo ARC, Bottega CG, Perez KV (Orgs.) . Atenção à Saúde Mental do Trabalhador: sofrimento e transtornos psíquicos relacionados ao trabalho. 1. ed. Porto Alegre: Evangraf; 2014.

<sup>6</sup>Butierres MC, Mendes JMR. A discriminação de vítimas de acidentes do trabalho ou doenças ocupacionais: uma situação de invisibilidade social potencializada. Sociedade em Debate[Internet]. 2016 [citado em 16 jul.2017]; 22(1), 237-260. Disponível em: <http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rsd/article/view/1337>

<sup>7</sup>Moraes R. Análise de conteúdo. Revista Educação, Porto Alegre. 1999, v. 22, n. 37, p.7-32.

<sup>8</sup>Limongi-França AC. Psicologia do Trabalho: psicossomática, valores e práticas organizacionais. São Paulo: Saraiva; 2008.